

LEITURA E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO¹

READING AND THECNOLOGY IN EDUCATION

**Ingrid Amaral Corrêa², Luciane da Silveira Brum²,
Luziana Figueiredo Oliveira², Tainá Bianchin Alves²,
Tanier Botelho dos Santos³ e Eliane de Fátima Manenti Rangel⁴**

RESUMO

Neste artigo, que faz parte das publicações vinculadas ao PIBID - um convênio do Centro Universitário Franciscano com a CAPES, tem-se por objetivo fazer uma discussão teórica a respeito da prática de leitura e escrita no meio educacional aliada às tecnologias de informação e comunicação. Tal trabalho tem como suporte teórico os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que sugerem a utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, bem como autores como Irandé Antunes, Pierre Lévy, José Manuel Moran, entre outros. Além disso, o estudo visa ao bom desenvolvimento do programa Pibid com alunos das escolas públicas. A metodologia compreende uma revisão bibliográfica. Como resultado parcial e teórico, com base nas fontes bibliográficas, pode-se dizer que as práticas de leitura e produção textual podem e devem estar associadas às tecnologias, uma vez que o público alvo é adolescente e, portanto, exige um plano de trabalho que vá ao encontro de sua realidade.

Palavras-chave: leitura, produção textual, tecnologia.

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PIBID/CAPES/UNIFRA.

² Acadêmicas do Curso de Letras - UNIFRA.

³ Professora do Colégio Estadual Padre Rômulo Zanchi, Santa Maria, RS.

⁴ Orientadora - UNIFRA.

ABSTRACT

In this article, part of the publications linked to PIBID - an agreement between Franciscan University and CAPES, the goal is to make a theoretical discussion of the students' reading and writing practice at the school environment when supported by information and communication technology. The discussion is based on National Curriculum Parameters (NCP). They suggest the use of technological resources in class, as well as authors like Irandé Antunes, Pierre Lévy, José Manuel Moran, among others. Furthermore, the study aims the good development of the Pibid program with public school students. The methodology includes a literature review. As a partial result, based on the pointed literature sources, it can be said that the practices of reading and textual production can and must be relate to technology, since the target audience is adolescent and, therefore, a work plan that meets this age group is necessary.

Keywords: *reading, textual production, technology.*

INTRODUÇÃO

Este artigo está vinculado, de forma direta, ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), numa parceria entre a Capes e o Centro Universitário Franciscano - UNIFRA - o qual é desenvolvido por acadêmicos do subprojeto de Letras-Português. Tal projeto tem como objetivo sensibilizar os alunos da escola pública à prática da leitura, uma vez que, sendo a escola uma instituição educacional, acredita-se na sua capacidade de socializar saberes e produzir conhecimentos pelo viés da leitura.

Além dessas atribuições, está a incumbência de zelar pelo que constitui a própria razão de ser da escola - o processo de ensino e a aprendizagem. Nesse contexto, situam-se alunos que devem ser transformados em sujeitos ativos no seu tempo e cidadãos participativos de sua sociedade. Nesse sentido, acredita-se que se deve trabalhar o desenvolvimento do processo de leitura também com o uso de tecnologias para vir ao encontro da realidade dos discentes.

Devido ao progresso da ciência e da tecnologia, as pessoas, atualmente, recebem e processam as informações em um ritmo veloz, o que ocasiona mudanças em diversos segmentos da sociedade. É, portanto, exigido dos professores uma formação continuada e constante em relação às necessidades da realidade e, conseqüentemente, ao mercado de trabalho.

Assim, para que o professor possa manter-se atualizado, ele deve autoeducar-se e ‘reciclar-se’ constantemente, o que deve fazer parte de sua formação continuada. Além disso, cabe à escola, na figura do profissional da educação, não só ensinar o aluno a ler, mas também ensiná-lo a utilizar a leitura e os recursos digitais como fonte de informação, construção dos saberes e enriquecimento cultural.

Nesse sentido, destaca-se a necessidade da inserção das tecnologias nas práticas de leitura e produção textual no ensino básico, visando a uma articulação com a prática social do aluno, de forma a alcançar resultados com êxito em relação à leitura dentro e fora da escola. É preciso motivar o aluno a fazer parte da proposta pedagógica, colocando-o a par em relação ao que será abordado e convidando-o a contribuir. Para Moran (2011), os alunos captam se o professor gosta de ensinar e, principalmente, se gosta deles e isso facilita a disponibilidade para aprender.

Esta discussão também visa fornecer materiais de leitura para reflexão dos bolsistas e pesquisadores do PIBID, bem como a todos os acadêmicos e professores que queiram inserir as tecnologias em seu planejamento educacional.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E PRODUÇÃO

Segundo Antunes (2010), as aulas de português deviam ser aulas de falar, ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa, dentro de uma distribuição e complexidade gradativas. Assim, o professor deve prestar atenção para o desenvolvimento já conseguido pelos alunos no domínio de cada habilidade. A atividade linguística é necessariamente textual, ou seja, a fala, a audição, a escrita e a leitura são atividades compostas de textos.

Para Antunes (2010), o importante é abandonar a escrita vazia, com palavras soltas, de frases inventadas que não dizem nada porque não remetem ao mundo da experiência ou da fantasia dos alunos. A linguagem, para os alunos, deve ter o significado de agir, fazer, interferir no mundo, relacionar-se com as pessoas. A única linguagem que faz sentido, para qualquer pessoa, é aquela que expressa o que se deseja, das coisas, do mundo.

De acordo com Antunes (2010, p. 119),

a leitura precisa deixar de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. Sabemos quanto à integração da pessoa em seu grupo social

passa pela participação linguística, passa pelo exercício da “voz”, que não deve ser calada, nem reprimida, mas, sim, promovida, estimulada e encorajada.

Montenegro (2008)⁵ revela que milhares de professores têm se preocupado com a aprendizagem da Língua Portuguesa em suas salas de aula. Isso, de certa forma, impulsionou a pesquisa de novos métodos e de atividades criativas como forma de adequar as aulas às dificuldades apresentadas pelos alunos. Na verdade, sabemos que é uma grande responsabilidade do professor sistematizar os conhecimentos que o aluno traz de seu mundo para a escola e fazê-lo internalizar e utilizar a língua materna como uma das muitas formas de facilitar a vida em sociedade. Entretanto, a língua materna tem sido vista, geralmente, pelo viés da gramática, um estudo centrado em classificações, regras e nominalizações. Mesmo sabendo que as regras são necessárias, elas não devem constituir-se como um empecilho ao desenvolvimento da língua(gem), a qual funciona como um instrumento de comunicação da sociedade.

O ambiente onde o jovem vive, de acordo com Montenegro (2008), deve ser o mais letrado possível, para que ele tenha condições de interagir com a leitura e com a escrita em seu cotidiano. É importante que o professor leia com os alunos, desde manchetes de jornal até receitas culinárias e letras de músicas. A partir do momento que o discente lê e escreve com coerência, pode ampliar suas relações com seu trabalho, sua família e, conseqüentemente, com os outros ambientes ou contextos.

Como declara Antunes (2010, p. 65), “o professor deve perceber a coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, a concisão e outras propriedades do texto, e não fixar-se nos padrões da correção ortográfica”. Portanto, de acordo com a referida autora (2010, p. 66) “há muito que se fazer de extremamente relevante numa aula de português. Nesse sentido, a escola deve cumprir seu papel social de intervir positivamente na formação das pessoas para o pleno exercício de sua condição de cidadãos”.

A leitura e a escrita, segundo Cattani e Aguiar (1986, p. 33), “propiciam o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive”. Dessa forma, a leitura e a produção de textos são práticas que podem abrir portas para a construção do conhecimento.

Corroborando com essa ideia, de acordo com Antunes (2010, p. 160),

o professor deve valorizar, deve estimular cada tentativa,

⁵ Retirado da revista: Mundo jovem (2008). *Um jornal de ideias*. Porto Alegre, PUC.

cada conquista do aluno, favorecendo, em todo momento, a formação de uma autoestima elevada, responsável, agora e sempre, pela disposição de tentar falar e escrever, mesmo sob o risco da incompletude e da imperfeição.

Ler e escrever, segundo Moran (2011), são práticas que estão relacionadas a uma atitude curiosa e proativa diante da vida, do mundo e das pessoas, além de necessitar de domínio técnico. Assim, a curiosidade motiva a leitura, o conhecimento e a pesquisa. Ler é um prazer quando se quer saber mais, investigar mais, descobrir diferentes contextos e formas de agir.

Por isso, seguindo as instruções dos PCN (BRASIL,1998), o aluno, ao longo do ensino médio e na disciplina de Língua Portuguesa, deve:

- Conviver em leituras e produção de textos de forma crítica e lúdica, nas diferentes formas de utilização da linguagem: escrito, oral, digital, imagético, etc. - para saber conhecer e reconhecer a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, gerada nas (pelas) diferentes atividades sociais, literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva, etc.
- Conviver com situações de produção escrita, oral e imagética, de leitura e escuta, de modo que lhe propiciem uma inserção em práticas de linguagem em que são colocados alguns textos, para que ele passe a ter autonomia quando ler algo fora do seu contexto e que compreenda estratégias (linguística, textual e pragmática)
- Construir habilidades e conhecimentos que o capacitem a refletir sobre os usos da língua(gem) nos textos, suas variabilidades e complexidades, e seja capaz de compreender o funcionamento sociopragmático do texto - produção, circulação e recepção; as esferas de atividade humana, manifestações de vozes; a configuração formal nos processos e estratégias de produção de sentido, o aluno deve além de perceber e compreender a língua escrita e oral, assimilar outros sistemas semióticos, como objeto de ensino/estudo/aprendizagem.

A partir do que é mencionado pelos PCN (BRASIL, 1998), percebe-se que há uma preocupação para que os alunos tornem-se indivíduos críticos e, sobretudo, comprometidos com a sua cultura. Cabe, portanto, as profissionais

da educação priorizar as escolhas de textos representativos dessa cultura e dessa memória. Por meio de leituras, os discentes devem ter acesso aos saberes, de modo que venham a construir sentidos para o conteúdo do texto lido.

Além disso, o discente deve perceber a fala e a escrita como modalidades de uso da língua complementadoras, além de interativas, principalmente aquele que nasce na era da tecnologia digital, já que essa época tem possibilitado a recorrência dessas duas práticas sociais, ou seja, tanto da fala quanto da escrita. Além do que “as práticas sociais de uso da língua escrita devem receber destaque na orientação do trabalho escolar, em razão do valor social e histórico que têm em nossa sociedade” (BRASIL, 1998, p. 34).

PROPOSTAS METODOLÓGICAS POR MEIO DAS TECNOLOGIAS

O século XXI distingue-se dos anteriores, pois vem sendo caracterizado pelo crescimento acelerado de diferentes tecnologias de informação e comunicação (TICs), com grande ênfase para a internet, via computador.

Nesse sentido, Lévi (1999) discorre sobre o impacto das tecnologias na educação. Para o autor, as TICs influenciam no processo educativo, uma vez que proporcionam a interação direta com a transição de conhecimentos. Isso implica sérias modificações no aprendizado, na construção de saberes e produção de conhecimentos.

O meio em que se vive está permeado de técnicas e recursos tecnológicos, fazendo das TICs ferramentas que vêm ao encontro do processo ensino/aprendizagem, pois auxiliam o professor em sala de aula, já que se pode acessar “sites” de informações de dentro da sala ou laboratório. Contudo, vale ressaltar que a tecnologia deve vir como acessório do trabalho desenvolvido pelo professor, melhorando suas aulas, tornando-as mais atraentes e instigantes para os alunos.

É muito importante a postura docente quando se pretende levar as TICs para a sala de aula. Deve-se levar em consideração não apenas os objetos técnicos disponíveis, mas também o uso das TICs em si e os modos de sua utilização em sala de aula. Moran (2011) afirma que é preciso filtrar, escolher o que focar e o que descartar. O passo seguinte é entender, analisar, refletir, compreender, contextualizar, comunicar (dizer ao outro o que compreendemos) e aplicar.

A frequência com que se manuseiam as tecnologias de informação e comunicação aponta para o fato de haver um interesse muito grande, por parte dos alunos, em relação à utilização de recursos tecnológicos. A partir dessa conjuntura, é um desafio para o professor interagir com esses alunos que estão expostos e imersos nessa realidade. Na tentativa de levar as TICs para desenvolver um bom

trabalho em sala de aula, pode-se recorrer à *webquest*, que tem na internet seu principal - mas não único - instrumento de uso. Criada em fevereiro de 1995, pelo professor Bernie Dodge, na Universidade Estadual de San Diego, é definida pelo seu idealizador como “uma atividade investigativa, em que alguma ou toda a informação com que os alunos interagem provém da internet” (SENAC, 2003).

Para Dodge (1995, apud ROCHA, 2007, p. 59), “o objetivo dos professores não é a transmissão, é a transformação, e o papel deles é reunir fontes de conhecimento para os alunos e ajudá-los a usá-las”. Assim, a *webquest* torna-se uma ferramenta secundária para o professor na elaboração de tarefas motivadoras para os alunos, tornando-os ativos na construção do seu próprio conhecimento. Além disso, essa ferramenta aproxima tanto alunos quanto professores “no uso da internet voltado para o processo educacional, estimulando a leitura, a pesquisa, o pensamento crítico, o desenvolvimento de professores e a produção de materiais” (DODGE, 1995 apud ROCHA, 2007, p. 60).

Rocha (2007) faz algumas considerações positivas quanto ao uso dessa tecnologia. Uma delas é o caso de proporcionar uma ampla adequabilidade de uso, ou seja, uma *webquest* pode ser utilizada em múltiplas áreas do conhecimento, assim como o próprio aluno pode ter qualquer idade e estar em qualquer nível de aprendizado. Outra consideração positiva é de que o desenvolvimento do trabalho de pesquisa proposto nas *webquests* promove o trabalho colaborativo, uma vez que pode ser feito em duplas ou grupos.

Outro recurso que pode ser utilizado é a televisão. Embora um pouco esquecida, após a era das novas tecnologias, também pode ser uma ferramenta para desenvolver uma proposta metodológica. Os professores podem manusear a televisão juntamente com o vídeo. Nesse sentido, Moran (2011) reforça que se faz necessário conhecer os interesses dos alunos, o que os motiva, a fim de partir do que gostam e dos ambientes que conhecem. A grande maioria dos alunos em idade escolar passa no mínimo quatro horas em frente à TV. Portanto, o professor pode criar atividades de contato e de estímulo para levar os discentes progressivamente a leituras mais exigentes e em ambientes televisivos. A televisão não é somente tecnologia de apoio às aulas, é mídia, meio de comunicação, e, principalmente, formadora de opinião.

Os docentes de qualquer disciplina podem observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrar os fatos e acontecimentos na sala de aula, discutindo-os com os alunos, ajudando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer releituras de alguns programas em diferentes áreas do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, além de ajudá-los a avançar de forma crítica, sem imposições nem maniqueísmos (bem x mal).

PERFIL DO PROFESSOR NA ERA DIGITAL

O professor da era digital torna-se um animador, incentivador e condutor para o conhecimento, pois através do estabelecimento de metas, tem a missão de orientar o aluno a seguir suas propostas, alcançar objetivos, associar e dissociar conteúdos, operar recursos sociais e explorar o espaço virtual com eficiência por meio das ferramentas necessárias. É indispensável ao indivíduo obter e compreender o processo de interação que ocorre com o fluxo de ideias, de informações e dados disponíveis nos meios digitais.

Para Moran (2011), o papel do educador ainda é indispensável como mediador e organizador dos processos educacionais, uma vez que ele adquire um caráter não só de professor, mas também de pesquisador junto aos alunos. Além disso, deve saber articular meios para possibilitar aprendizagens significativas, e, assim, avaliar os resultados. Os professores devem incentivar os alunos fazer questionamentos, enfocar questões importantes, estabelecer critérios na escolha de *sites*, avaliar a utilização de páginas informativas, assim como instigar os discentes a compararem textos com visões ideológicas diferentes. Isso se faz necessário, uma vez que determinadas informações são redundantes e banais; portanto, não merecem atenção nem apreciação.

Moran (2011) salienta, ainda, que quanto mais informações, mais difícil e complexo se torna o ato de ler e mais necessário se faz aprender a ler de muitas formas, integrando múltiplas linguagens e mídias, de forma mais rica e profunda, tanto por parte do docente, quanto do discente.

O docente pode e deve solicitar mais pesquisas do que dar respostas prontas aos alunos, propondo temas interessantes em relação aos quais o aluno amplie seu nível de conhecimento do mais simples ao mais complexo, proporcionando, assim, o desenvolvimento do pensamento crítico.

Moran (2011) salienta que quantidade de informação ou de acesso a *sites* diversos não significa, normalmente, mais qualidade, mais compreensão e mais aprendizagem. A pressa faz, com frequência, o aluno aceitar os primeiros resultados de um *site* de buscas como os melhores. Faz-se necessário, então, a avaliação dos conteúdos com cuidado, analisando pontos de vista discutíveis. Essa também é uma das responsabilidades dos professores: alertar e orientar seus alunos.

Ensinar a ler, a pesquisar, a compreender num mundo de informações incessantes é um desafio que todos professores precisam enfrentar de uma forma atenta e competente, para que os alunos aprendam e evoluam cognitivamente cada vez mais, uma vez que o uso de ferramentas tecnológicas no meio educacional tem a função de facilitar a construção do conhecimento pelo educando.

METODOLOGIA

Neste trabalho, fez-se uma discussão bibliográfica focalizada nas contribuições teóricas de autores que publicaram artigos, livros, dissertações e teses sobre o trabalho docente com a leitura, associando-a com as TICs. Conforme Martins (2000, p. 28): “trata-se, portanto, de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre o tema, tendo como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”. Assim, estas reflexões teóricas contribuem para um melhor desenvolvimento das práticas leitoras e da produção textual em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Fischer (2007)⁷, a linguagem empregada por meio da internet apresenta uma espécie de código com muitas alterações em relação à língua culta do Português. Por isso, alguns se assustam com essa modificação na linguagem escrita, porque imaginam que os desvios cometidos na internet acabarão passando para o meio impresso. No entanto, isso não tem uma relação de causa e consequência imediata.

“Todo mundo maneja vários registros de fala, instintivamente”. Desse modo, de acordo com Fischer (2007, p. 12)

Aprendemos na convivência que podemos chamar alguém de *tu*, de *você* ou de *senhor*. Descobrimos que estas são formas de tratamento usadas em diferentes contextos. Para saber isto nem é preciso ensinar muito. A partir dos quatro anos de idade todo indivíduo é um adulto linguístico; pode não ter um vasto vocabulário na cabeça, mas já conhece muitas regras. Sabe que pode usar uma concordância mais frouxa com os amigos e uma concordância mais rigorosa com os adultos.

Diante disso, Fischer (2007) revela que na fala podemos usar mais de um código. Então na escrita também. É necessário que os jovens aprendam que há um código para as situações formais de comunicação e outro para a comunicação imediata, instantânea, *on-line*, que eles fazem no *messenger* ou no *e-mail*.

A *webquest*, por exemplo, admite o uso ativo da internet nas ações de ensino-aprendizagem, bem como o uso de material legítimo, contemporâneo e que

⁷ Retirado da revista: Mundo jovem (2007). *Um jornal de ideias*. Porto Alegre, PUC.

faz parte do contexto vivido pelos alunos. A aprendizagem torna-se mais expressiva, pois é fundamentada em tarefas cooperativas, além de prover contribuições para que o aluno aproveite o conhecimento já obtido e procure um novo conhecimento, através de reflexão e análise do que está sendo sugerido.

Ao contrário das práticas pedagógicas tradicionais, em que o aluno recebe e armazena informações, a *webquest* foca na “interação, compreensão e transformação das informações existentes, tendo em vista uma necessidade, um problema ou uma meta significativa” (ROCHA, 2007, p.76).

Cabe ressaltar que o fator mais importante no processo de ensino-aprendizagem com as TICs é a forma como o professor associa o uso da tecnologia com as outras práticas leitoras e pedagógicas. Ao escolher a *webquest*, é fundamental que o professor estabeleça conexões entre conteúdos de atividades anteriores ou posteriores ao uso desta ferramenta. Sendo assim, uma *webquest* deve ter como objetivo o princípio da construção de táticas de aprendizado por meio da pesquisa na internet. À medida que o aluno conseguir compreender essas táticas, ele conseguirá chefiar seus próprios estudos. Além disso, ao usar uma *webquest*, os alunos estarão lendo, interpretando e produzindo textos, portanto utilizando-se de conteúdos e práticas já vistas anteriormente.

Vive-se em uma época de grandes desafios. Por isso, vale a pena pesquisar novas relações de integração do humano e do tecnológico; do sensorial, emocional, racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola, do trabalho e da vida. A melhor alternativa para trabalhar a prática de leitura e produção textual é envolver os alunos em situações concretas de uso da linguagem, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se desejam alcançar. É necessário ter a consciência de que a escola é um “autêntico lugar de comunicação” e as situações escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 78).

Nesse sentido, o ensino de leitura e linguagem com tecnologia proporciona melhoria nas condições pessoais e sociais do ser humano, pois desenvolve a habilidade de interpretar e compreender melhor o mundo que o cerca. Assim, cabe ao professor, em sala de aula, utilizar-se de diferentes estratégias e metodologias, ou seja, propor atividades com o uso das TIC que desenvolvam o processo de leitura e interpretação. Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. O “novo” assusta e o que se observa é que se tem feito apenas adaptações. Entretanto, o professor precisa estar em constante atualização e acompanhar a evolução cognitiva dos alunos.

Os recursos tecnológicos e digitais são ótimas ferramentas para apoiar a prática pedagógica dos professores preocupados em motivar seus

alunos para que participem, de forma ativa e efetiva, do processo de ensino e aprendizagem. Além da formação continuada dos professores para o uso das tecnologias digitais, é necessário que esses profissionais tenham disponíveis tais recursos para diversificar suas estratégias e motivar seus alunos. Nesse sentido, cabe à escola, como instituição, e à educação como espaço de formação do sujeito social e de construção da ética, de circulação das ideologias, proporcionar ao aluno possibilidades para o exercício da leitura, compreensão, interpretação e cidadania.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos. In: ZILBERMAN et.al. org. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FISCHER. **Revista Mundo Jovem**. Um jornal de ideias. Porto Alegre: PUC, 2007.

LÉVY, Pierre; trad. Carlos Irineu da Costa. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MONTENEGRO. **Revista Mundo Jovem**. Um jornal de ideias. Porto Alegre, PUC, 2008.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed., Campinas: Papyrus, 2011.

ROCHA, Luciano Roberto. **A concepção de pesquisa no cotidiano escolar: possibilidades de utilização da metodologia webquest na educação pela pesquisa**. 2007. 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007.

SENAC. Departamento Regional do Estado de São Paulo. **Webquest: o que é**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://webquest.sp.senac.br/textos/oque>>. Acesso em: 02 maio 2012.

SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.